



IQHIYA: SOBRE SIGNIFICADOS E SIMBOLOGIAS DE USO DE TURBANTES POR MULHERES NEGRAS. CONEXÕES: BRASIL, ÁFRICA DO SUL, MOÇAMBIQUE

Rosyane Maria da Silva¹

Resumo: O artigo relaciona e investiga sentidos que mulheres negras brasileiras e africanas, no Brasil, na África do Sul e em Moçambique, estabelecem com o uso de Turbantes (Coroa, Doek, Gélè, Head Cloth, Headtie, Headwrap, Iqhiya, Kluft, Nemes, Ojá, Pano de Cabeça, Scarfhead, Torço, Turban). Para tanto, propõe-se a buscar significados históricos culturais no uso desse tecido, que se transforma em uma indumentária imponente e diversificada, carregada de histórias, ancestralidades, identidades e culturas. Inspirada a partir de uma viagem de imersão ao continente africano em 2016-2017, para este trabalho realizaram-se pesquisas de campo em cidades selecionadas de dois estados brasileiros, São Paulo e Bahia, bem como entrevistas com participantes dos países africanos visitados, para perceber as diferenças e semelhanças nos sentidos atribuídos aos usos dos Turbantes. A investigação visa discutir como o uso do Turbante pode ser uma conexão entre esses países na diáspora negra, podendo influenciar na autoestima, resistência, pertencimento e empoderamento dessas mulheres. Nesse sentido, o Turbante é o fio condutor diaspórico e seu uso questiona como o pertencimento também se dá fora do território africano. A partir dessas experiências, busca-se entender a necessidade da escuta e de compartilhar as histórias orais, transformando-as em escritos de referências e multiplicadora na narrativa histórica da cultura negra.

Palavras-chave: Turbante; cultura negra; estética de resistência; empoderamento; mulheres negras.

IQHIYA: ON MEANINGS AND SYMBOLS OF TURBANTS'S USE BY BLACK WOMEN. CONNECTIONS: BRAZIL, SOUTH AFRICA, MOZAMBIQUE

Abstract: The article relates and investigates the meanings that Brazilian and African black women in Brazil, South Africa and Mozambique establish with the use of Turbans (Crown, Doek, Gélè, Head Cloth, Headtie, Headwrap, Iqhiya, Kluft, Nemes, Ojá, Head Cloth, Scarfhead, Torbo, Turban). In order to do so, it seeks historical cultural meanings in the use of this fabric, which becomes an imposing and diversified piece of clothing, filled with stories, ancestry, identities and cultures. Inspired by an immersion trip to the African continent in 2016-2017, for this work, fieldwork was carried out in selected cities in two Brazilian states, São Paulo and Bahia, as well as interviews with participants from the African countries visited, to notice the differences and similarities in the meanings attributed to the uses of the Turbans. The research aims to discuss how the use of Turbans can be a connection between these countries in the black diaspora, and may influence the self-esteem, resistance, belonging and empowerment of these women. In this sense, we conclude that the Turban is the conductive diasporic thread and its use questions how the belonging also occurs outside the African territory. From these experiences, it sought to understand the need to listen and to share oral histories, transforming them into reference writings and multipliers in the historical narrative of black culture.

Keywords: Turban; black culture; resistance aesthetics; empowerment; black women.

¹ Rosyane Maria da Silva é Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Eventos pelo Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC) – USP (2017) e graduada em Comunicação Social e Jornalismo pela Universidade de Franca (UNIFRAN) em 2009.



IQHIYA: SUR LES SIGNES ET SYMBOLOGIES DE PORTER DES TURBANS PAR FEMMES NOIRES: BRÉSIL, AFRIQUE DU SUD, MOZAMBIQUE

Résumé: L'article lie et recherche les sens que les femmes noires brésiliennes et africaines, au Brésil, en Afrique du Sud et au Mozambique, elles établissent avec l'utilisation de turbans (Coroa, Doek, Gélè, Head Cloth, Headtie, Headwrap, Iqhiya, Klaft, Nemes, Ojá, Pano de Cabeça, Scarfhead, Torço, Turban). À cette fin, on se propose de rechercher des significations historiques culturelles dans l'utilisation de ce tissu, qui se transforme en un vêtement imposant et diversifié, chargé d'histoires, d'ascendance, d'identités et de cultures. Inspiré à partir d'un voyage d'immersion sur le continent africain en 2016-2017, pour cet travail s'est réalisé des recherches sur le champ en cités sélectionnées de deux États brésiliens, São Paulo et Bahia, ainsi comme interview avec participants des pays africains visités, pour percevoir les différences et les similitudes dans les sens attribués à l'utilisation des Turbans. L'investigation vise à discuter comment l'utilisation du turban peut être une connexion entre ces pays dans la diaspora noire, en pouvant influencer l'estime de soi, la résistance, l'appartenance et l'autonomisation de ces femmes. En ce sens, le turban est le fil conducteur diaspora et son utilisation questionne comment l'appartenance décolle également hors du territoire africain. De ces expériences, on cherche à comprendre la nécessité d'écouter et de partager les histoires orales, en les transformant en écrits de références et de multiplicateurs dans le récit historique de la culture noire.

Mots-clés: Turban culture noire; esthétique de résistance; empouvoirement; femmes noires.

IQHIYA: SOBRE SIGNIFICADOS Y SIMBOLOGIAS DEL USO DE TURBANTES POR MUJERES NEGRAS. CONEXIONES: BRASIL, ÁFRICA DEL SUR, MOZAMBIQUE

Resumen: El artículo relaciona e investiga sentidos que Mujeres negras brasileñas y africanas, en Brasil, África del Sur y en Mozambique, establecen con el uso de Turbantes (Corona, Doek, Gélè, Head Cloth, Headtie, Headwrap, Iqhiya, Klaft, Nemes, Ojá, Pano de Cabeça, Scarfhead, Torço, Turban). Para tanto, se propone buscar los significados culturales en el uso de la tela, que se volvió una indumentaria imponente y diversificada, cargada de historias, ancestralidades, identidades y culturas. Inspirada a partir de un viaje de inmersión al continente africano en 2016-2017, para este trabajo se ha realizado pesquisas de campo en las ciudades seleccionadas de dos provincias brasileñas, São Paulo y Bahía, bien como entrevistas con participantes de los países africanos visitados, para percibir las diferencias y semejanzas en los sentidos atribuidos de los Turbantes. La investigación visa discutir como el uso del Turbante puede ser una conexión entre países en la diáspora negra, y puede contribuir en la autoestima, resistencia, pertenencia y empoderamiento de estas mujeres. En este sentido, el Turbante es el hilo conductor diaspórico y su uso cuestiona como el pertenecer también se desarrolla afuera del territorio africano. A partir de estas experiencias, se busca comprender la necesidad de la escucha y de compartir las historias orales, ellas se vuelven en escritos de referencias y multiplicadoras en la narrativa histórica de la cultura negra.

Palabras-clave: Turbante; cultura negra; estética de resistencia; empoderamiento; mujeres negras.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre quaisquer das esferas que povoam a existência da população negra perpassa, invariavelmente, pela localização dos corpos negros, em suas mais diversas possibilidades, num fluxo contínuo que, automaticamente, aciona



a memória daqueles que, negros, antes de nós vieram, e, negros, continuarão para além de nós. Não é possível localizar qualquer aspecto da condição negra atual sem, antes, lembrar que qualquer escrito sobre o negro faz com que todos que antes de nós vieram estejam sempre PRESENTES no recontar de mais um trecho de nossa história. (Silva, 2017, p. 4)

O presente artigo pretende investigar as simbologias e significados do uso de Turbantes por mulheres negras brasileiras e africanas, com vistas a buscar os significados e as simbologias no uso desse tecido, bem como a influência deste sobre a vida dessas mulheres e as conexões entre esses países e continentes na diáspora.

O censo do IBGE de 2010 identifica o Brasil como a maior população negra fora do continente Africano. A partir do século XVI até o XIX, estima-se que 5 milhões de africanos, foram escravizados, sendo obrigados a passar por um processo de apagamento, de colonização da mente e de suas histórias. Em 2014, mais da metade da população declarava-se preta ou parda, somando expressivos 53,6% da população brasileira (IBGE, 2010). Para além da articulação de mecanismos que garantissem a exclusão econômica e social do negro brasileiro, é preciso entender que o processo de embranquecimento² brasileiro e o mito da democracia racial³ garantiram uma sociedade enraizada no racismo estrutural⁴. Dessa forma, naturalizou-se no seio da sociedade brasileira um lugar marginal à população negra, o que possibilita compreender, entre outros, o porquê de homens e mulheres não se identificarem enquanto afrodescendentes brasileiros. Embora desmobilizados e segregados, o povo negro brasileiro não silenciou – ao contrário, fortaleceu suas estruturas e vem conquistando cada vez mais espaços,

² A defesa do branqueamento ou do “embranquecimento”, tinha como ponto de partida o fato de que, dada a realidade do processo de miscigenação na história brasileira, os descendentes de negros passariam a ficar progressivamente mais brancos a cada nova prole gerada. Publicado por: Cláudio Fernandes em História do Brasil. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/tese-branqueamento.htm>>. Acesso em 10 de mar. 2017.

³ Como explica Luana Diana dos Santos, “O mito da democracia racial, ideologia forjada nos anos 30 do século passado, incutiu no imaginário popular a ideia de que a miscigenação é fruto da convivência harmoniosa existente entre indígenas, brancos e negros, conforme defendido por Gilberto Freyre na obra “Casa Grande e Senzala” (2004)”. Disponível em: <<http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-4/artigos/artigo-10-luana-santos.pdf>>. Acesso em 10 mar. 2017

⁴ Segundo Juan Luis Berterretche, para Desacato.info, “A sociedade branca do país, em especial suas classes meia e alta, em todos os níveis, usufruíram os benefícios do racismo institucional e os serviços pessoais prestados por uma população descendente de escravos que até o presente nunca alcançou o benefício pleno de direitos e liberdades outorgados na constituição, sob a ideologia da “democracia racial” que primou durante todo o século XX e que recém no século XXI começa a se questionar com profundidade.”. Disponível em: <<http://desacato.info/onu-racismo-no-brasil-e-estrutural-e-institucional/>>. Acesso em 12 mar. 2017.



antes ocupados somente pela população branca. Um desses lugares é o espaço acadêmico, conquistado através de iniciativas diretas de movimentos sociais como o Movimento Negro, por meio de ações afirmativas que visavam à representatividade e à permanência da população negra. Entre os pontos importantes pautados nessas reivindicações do MNU estão a educação, a autovalorização, a estética da beleza, a cultura e o empoderamento desse grupo social, pontos centrais para a articulação de uma nova imagética para a população negra, especialmente para o reconhecimento da mulher negra nos espaços estruturalmente racistas (Silva, 2017, p. 5). Como pontua Munanga:

Continuando a ser recusado socialmente, o negro intelectual descobre que uma possível solução a essa situação residiria na retomada de si, na negação do embranquecimento, na aceitação de sua herança sócio cultural que, de antemão, deixaria de ser considerada inferior. A esse retorno chamamos negritude (Munanga, 1988, p. 5).

Com base nesta definição de negritude do antropólogo Munanga (1988), podemos pensar as conexões criadas entre negras e negros de todo o mundo pós-colonial. Observamos que, nessa fase do reconhecimento da negritude, entender a sociedade caracteriza entender as necessidades da população negra.

Em sintonia com a ideia de negritude apresentada está a noção de identidade. Segundo Stuart Hall “o fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural” (Hall, 2005, p. 10). Dessa forma, entendemos que a identidade se constitui a partir da formação social e comunitária, equipe e espaços habitados possibilitando o pertencimento e a inclusão do indivíduo.

É dentro deste cenário, que o artigo apresenta e questiona como mulheres negras se identificam a partir de uma estética padrão branca e eurocêntrica considerando que atualmente existe o centrar-se em elementos que remetem à ancestralidade, à origem afroascendente. Essas mulheres diaspóricas têm se empoderado projetando suas estéticas, identidades e ressignificando usos do Turbante como um ato de manifestação pública e política e cultural. A definição de empoderamento que norteia a pesquisa é dada pela professora Ivanilde Mattos, que explica que “o conceito empoderamento torna-se o fio condutor desta nova discussão sobre afirmação estética onde o cabelo



como signo de negritude deixa de ser um elemento negativo e se ressignifica na diáspora como impulsor do enfrentamento ao racismo” (Mattos, 2015, p. 49). Sob esta perspectiva, reflete-se que o cabelo negro é ferramenta de resistência e afirmação, e o mesmo pode-se entender acerca dos adereços usados por mulheres negras, como os Turbantes.

Atualmente, as mulheres negras diaspóricas ocupam lugares ainda majoritariamente brancos e masculinos, onde também questionam a apropriação cultural. A pesquisadora Suzane Jardim define o que é a apropriação cultural:

O fenômeno acontece quando um estrato social historicamente dominante marginaliza uma etnia, religião ou cultura, tornando seus símbolos e práticas abomináveis aos olhos da sociedade. Com isso, o grupo marginalizado abandona tais práticas, como uma forma de se adequar, na tentativa de sofrer menos preconceito. Com esse processo concluído, o mesmo grupo responsável pela marginalização passa, então, a ressignificar essas práticas e símbolos antes condenados, tentando torná-los atrativos para a maioria da população e visando o lucro (Jardim apud Oliveira, 2017).

Desse processo de escravização, institucionalizou-se o racismo e o genocídio da população negra, bem como a negação da Identidade e da Negritude dessa população. Nesse contexto, o uso de Turbantes por mulheres negras vem como afronta, reconhecimento, estética de resistência, afirmação cultural e narrativas orais ao quebrar estereótipos e padrões impostos por uma sociedade racista. Além dos Turbantes, a oralidade faz parte do processo de formação da cultura negra, e na diáspora salientamos a necessidade de manter essas raízes, diante ao processo de apagamento histórico e exclusão social. Em relação às mulheres negras, brasileiras e africanas, propõe-se a reflexão acerca do uso de Turbantes como um elemento empoderador, utilizado para além da estética, como meio de afirmação cultural e resgate ancestral.

A partir das discussões apresentadas, aponta-se para como as impressões africanas ancestrais estão conectadas para além da estética e reverberam na construção de Identidades dessas mulheres⁵. Neste cenário, interessa saber: como o uso dessa indumentária atualmente pode causar fúria e intolerância diante de armas tão

⁵ Esta pesquisa foi inspirada e visa a aprofundar reflexões trazidas no Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Eventos sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira, no CELACC - USP, finalizado em 2017. A pesquisa foi iniciada durante o referido curso, no final de 2016 e teve sua primeira etapa concluída em início de 2017, com a viagem para a coleta de dados e resgate ancestral, e finalização com a entrega do Trabalho de Conclusão de Curso em maio de 2017.



destruidoras e segregacionistas como outrora fora a escravização? O Turbante poderia ser, então, estratégia de resistência a essa apropriação? Se sim, por que não o respeitar? Seu uso representaria empoderamento e resgate da identidade de um povo ou estaria meramente alimentando o mercado de consumo da moda? Quais os sentidos atribuídos ao uso desta peça em diferentes espaços marcados pela forte presença africana?

Partindo destes questionamentos, o artigo discute o uso do Turbante como mobilizador dessas questões que se sobrepõem ao uso dessa indumentária, além de buscar entender suas conexões, símbolos e simbologias entre o continente africano e o Brasil na diáspora.

A pesquisa se faz necessária ao partir da e contribuir socialmente para a aplicação da Lei 10.639/03⁶, como material de apoio e pesquisa dessa política pública e afirmativa. Além disso, o trabalho com Turbantes é parte de oficinas, workshops e palestras realizadas em instituições de ensino, espaços culturais⁷ e organizações não governamentais⁸ pela autora deste projeto.

Por fim, o esforço empenhado na construção deste artigo reflete a busca constante por reflexões produzidas pela própria população negra sobre sua condição e seu lugar. Usar o Turbante como fio condutor e guia desta pesquisa intenciona contribuir não apenas com a pesquisa acadêmica através da análise de pautas pouco exploradas, mas também com a reescrita de nossas histórias de forma localizada, por nós mesmos.

JUSTIFICATIVA E HIPÓTESES EM RELAÇÃO AOS TURBANTES EM SEUS USOS - TURBANTE, TORÇO, PANO DE CABEÇA, COROA, GÈLÉ, IQHIYA, NEMES, HEADTIE, HEADCLOTH, HEADWRAP, DOEK, SCARFHEAD, COROA.

⁶ A lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 15 fev. 2017.

⁷ Palestras com nome similar ao deste projeto foram proferidas no Quilombo Urbano Aparelha Luzia, em São Paulo/SP, no dia 19/08/2017, e também na abertura do evento "Pelos Nossas Terezas", realizada em 20/08/2017, na Casa de Cultura Abdias do Nascimento, em Franca SP, pelo COMDECON (Conselho Municipal da Comunidade Negra).

⁸ O trabalho com turbantes é carro chefe do grupo Marias Mahin, que surge com o objetivo de levar cultura negra e suas contribuições por meio da moda para pessoas que desconhecem esse universo étnico afro-brasileiro. O Marias Mahin é formado por um grupo de mulheres negras que levam a poesia do turbantar. As Mahin acreditam na prática do Turbante para além da estética, como enfrentamento do padrão de belo europeu estabelecido, focado na valorização da beleza plural brasileira e respeitando a diversidade. O uso do Turbante reflete o reconhecimento da contribuição cultural africana para o ocidente e o resgate da ancestralidade e conhecimento da negritude.



A origem do Turbante ainda não tem período ou lugar definido. Assim, ao longo da pesquisa de TCC que inspirou a proposição deste artigo, percebemos que a perspectiva mais provável foi o *Nemes*, em *Kemet* ou *Khemet*, no Antigo Egito (8000 a.C.). O *Nemes*⁹, tradicionalmente feito em linho tecido, também é conhecido como *Klaft* e era usado somente pelos Faraós. A amarração feita no *Nemes* é simples: ela é acoplada à cabeça, fixada na parte de trás, pode ser presa a uma longa trança e caem duas tiras pelos ombros à frente.

Notou-se que o uso hierárquico dos *Nemes* por Faraós também influenciou em como as religiões de matriz africana usam os Turbantes em sua organização hierárquica, comprovando a importância de proteger o *Ori* (cabeça em Yoruba¹⁰) e representar a autoridade, liderança e respeito ao seu povo.

O termo *Iqhiya*, nome escolhido para intitular esta pesquisa, tem a intenção de manter a conexão cultural e afetiva estabelecida durante a viagem pela África do Sul e Moçambique. O termo “...simboliza a feminilidade em mulheres em torno de África. É uma herança do orgulho do povo Africano que nunca cessará”, explica o guia turístico Joseph Munsaka da etnia Tonga, que auxiliou na viagem. Turbante, Coroa, *Doek*, *Gélè*, *HeadCloth*, *Headtie*, *Headwrap*, *Iqhiya*, *Klaft*, *Nemes*, *Ojá*, Pano de Cabeça, *Scarfhead*, Torço, *Turban*, são os nomes encontrados durante a pesquisa para se referir aos diferentes Turbantes usados por afro-brasileiras, africanas e afro-estadunidenses, também por crianças e homens, independentemente de suas identidades de gênero. “É imprescindível reafirmar o símbolo que o Turbante representa: autoafirmação,

⁹ O cocar de *Nemes* continha listras azuis e douradas. A parte superior frontal foi levantada com o *uraeusWadjet* e o abutre *Nekhbet* – A retratação mais famosa foi na máscara mortuária de Tutankhamon. Disponível em: <<http://antigoegito.org/os-faraos-egipcios/>>. Acesso em: 20 jan. 2017. Além das coroas, o *nemes*, também se tornou bastante conhecido, sobretudo porque é usado pela esfinge de Gizé. Tratava-se de um elemento fundamental da veste faraônica, tendo entrado em voga a partir da III dinastia (c. 2649 a 2575 a.C.). Sua representação mais antiga está na cabeça da estátua do faraó Djoser (c. 2630 a 2611 a.C.) sentado, encontrada no complexo da Pirâmide de Degraus. Disponível em: <<http://www.fascinioegito.sh06.com/faraveste.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

¹⁰ Língua Yoruba: “A maioria dos iorubás falam a língua iorubá (iorubá: èdè Yorùbá ou èdè). Vivem em grande parte no sudoeste da Nigéria; também há comunidades de iorubás significativas no Benin, Togo, Serra Leoa, Cuba, República Dominicana e Brasil. Historicamente, habitavam o reino de Ketu (atual Benin), na África Ocidental. Durante o século XVIII e até 1815, foram escravizados e trazidos em massa para o Brasil durante o chamado “Ciclo da Costa da Mina”, ou “Ciclo de Benin e Daomé”. A língua iorubá ainda é preservada nos rituais religiosos de matrizes africanas”. Disponível em: <http://www.laifi.com/laifi.php?id_laifi=7794&idC=89957#>. Acesso em 17 fev. 2017.

empoderamento negro, resistência ao sistema racista e segregacionista, conexão ancestral e fortalecimento da Negritude” (Silva, 2017, p.14).

Por definição, o Turbante constitui um pedaço de tecido, com acabamentos ou não e em vários formatos: quadrados, retangulares, triangulares, em tiras ou faixas largas e estreitas, em sua grande maioria simétricos com várias formas de amarração, que é o ato de fazer o Turbante, forma de prendê-lo e modelá-lo à cabeça. Existem Turbantes que utilizam até 400 metros de tecidos para serem montados, esses maiores são comumente usados pelos Sikhs¹¹ em grandes festivais e competições e também são conhecidos como “dumaaala”. As amarrações podem levar de 10 segundos a 2 horas, dependendo de sua complexidade, altura e tecidos utilizados.

A ideia de que “amarrar um pedaço de pano em torno da cabeça não é específico para qualquer grupo cultural” (Griebel, 1995) pontua que o sentido dado à utilização do Turbante é o que forma as simbologias sobre o tecido. Em outras palavras, sabendo-se que o Turbante é usado em vários lugares e por diversas culturas, afirma-se a importância de analisar como a condição de formação histórica do Brasil, decorrente do processo de escravização e de apagamento cultural da população negra e afrodescendente, está relacionada à manutenção de símbolos culturais, como o Turbante. Desta maneira, pretende-se ponderar sobre posturas de insurgência e conexão cultural de povos negros no Brasil ao tratar a importância do uso de Turbantes para essa população, especialmente para as mulheres negras, como meio de conexão ancestral na diáspora. É importante refletir que as semelhanças mantidas nas amarrações de tecidos usados nos Turbantes através dos anos, indica que esta peça se manteve como símbolo constituinte da cultura africana, tanto no Brasil como no continente africano.

Abaixo, podemos analisar imagens verificando o uso de Turbantes em diferentes épocas, aproximando suas semelhanças estéticas e em diferentes contextos culturais:

¹¹ A palavra Sikhismo deriva do termo em sânscrito "sisya", que significa discípulo. O Sikhismo é uma religião fundada por Baba Nanak, que tinha por objetivo criar uma religião que fosse a fusão entre o islamismo e o hinduísmo. O livro sagrado dos seguidores do Sikhismo, chamados sikhs, é o Adi Granth.

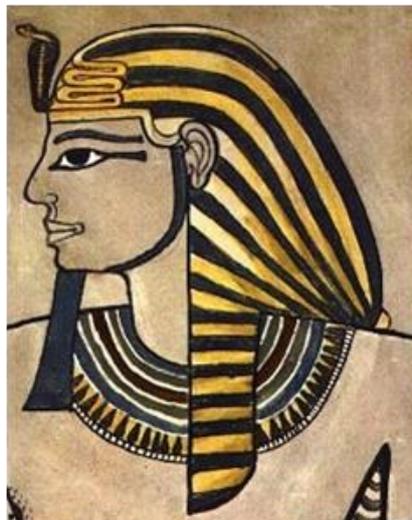


Foto 1. Nemes. Nina Simone vestindo a coroa de Nemes egípcia



Fonte: Foto alamy stock photo

Foto 2. Khaft, esse usado pelo Faraó Amenófis I



Fonte: Foto Reprodução blogchantilly

Foto 3. Nemes. Máscara de Tutankamón



Fonte: Reprodução site.newgreenfil.com

Foto 4. Nihangs, guerreiros Sikhs¹²



Fonte: Foto Reprodução site dailymail.co.uk/ reuters

¹² O Sikhismo é uma religião fundada por Baba Nanak, que tinha por objetivo criar uma religião que fosse a fusão entre o islamismo e o hinduísmo.



Foto 5. Homem com o Murban (Man + Turban)



Fonte: Foto Reprodução site tudocommoda.com

Foto 6. Criança com Turbante, Princesa Shakiraha de Califórnia



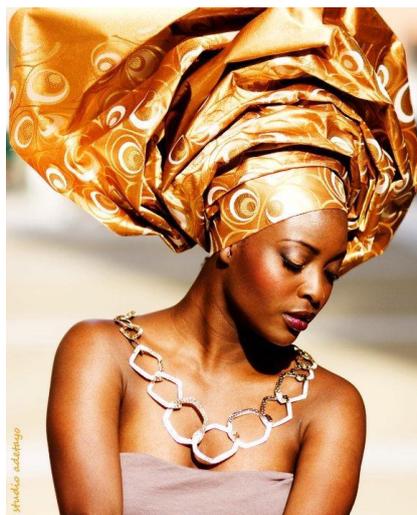
Fonte: Foto Publicação do Facebook, Turbanista

Foto 7. Tutorial de Turbante com Thaís Muniz



Fonte: Fonte Página do [turbante.se](https://www.facebook.com/turbante.se), Facebook

Foto 8. Mulher usa Gèlè Nigeriano



Fonte: [@ayannanahmias/](https://www.instagram.com/ayannanahmias/) Foto: studio adebayo

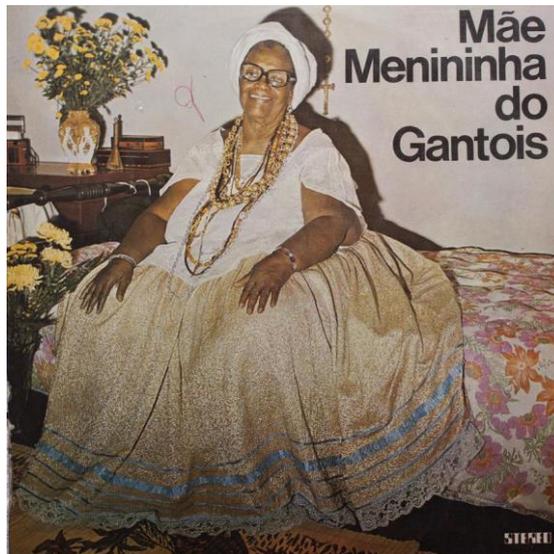


Foto 9. Turbante usado na noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê, primeiro bloco afro do Brasil, fundado em 1974, com o objetivo “preservar, valorizar e expandir a cultura afro-brasileira”.



Fonte: Reprodução/GOVBA Foto: Mateus Pereira

Foto 10. Mãe Menininha do Gantois - Iyalorixá do Candomblé da Bahia Brasil



Fonte: Foto Capa do disco Mãe Menininha do Gantois “ Gravado ao vivo no Gantois Salvador”, Lançamento 1974, Phonodisc



Foto 11. Baiana do Acarajé - Dia da Baiana 25 de novembro



Fonte: Secult BA/Centro de Culturas Populares e Identitárias (CCPI) Foto: Rosilda Cruz

Foto 12. Escrava Doméstica. Brasil



Fonte: Foto João Goston, 1870



Foto 13. Mulher Bulungula Casada, durante visita no Vilarejo



Fonte: Foto Rosyane Silwa África do Sul, 2017

Foto 14. Mulher casada, Bulungula



Fonte: Foto Rosyane Silwa África do Sul, 2017



Foto 15. Curandeira da tribo Bulungula, solteira



Fonte: Foto Rosyane Silwa África do Sul, 2017

Foto 16. Masabatha, costureira em Khaneylisha



Fonte: Foto Rosyane Silwa. Khaneylisha, África do Sul 2017

Foto 17. Surama Caggiano, artista plástica



Fonte: Foto Arquivo pessoal, Facebook .São Paulo, 2016

Foto 18. Atendente no terminal de ônibus em Cape Town



Fonte: Foto Rosyane Silwa. Cape Town, África do Sul, 2017

Foto 19. Rosyane Silwa, com pintura tradicional Bulungula



Fonte: Foto Olivier, Bulungula, 2017

Foto 20. Akona, Nascida e Criada no Vilarejo Bulungula, Guia Turística



Fonte: Foto Rosyane Silwa. Bulungula, África do Sul, 2017

Foto 21. Mulher Rastafari em Cape Town



Fonte: Foto Rosyane Silwa. Cape Town, África do Sul, 2017

Foto 22. Tuanny Miller, Francana, ativista e educadora



Fonte: Foto Arquivo pessoal/Facebook

Foto 23. Rita Teles, Atriz, arte educadora



Fonte: Foto:Osmar Dias

Foto 24. Mulheres costureiras na Khayelitsha



Fonte: Foto Rosyane Silwa, Khayelitsha, África do Sul, 2017

Foto 25. Candomblé. Mãe Menininha (à frente, de pé) e suas sacerdotisas no templo Ilé Axé Yá Masse, em Salvador



Fonte: Foto Lorenzo Dow Turne, 1940/divulgação

Foto 26. Dia da Abolição da Escravatura



Fonte: Acervo IMS Foto :Marc Ferrez. Negra da Bahia, c. 1885. Salvador, BA

Foto 27. Negras da Bahia 1827-1882 Brasileira Negra da Bahia, c. 1885. Salvador, BA



Fonte: Acervo IMS Foto: Alberto Henschel



**OBJETIVOS E PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS -
SIGNIFICADOS E SIMBOLOGIAS NO USO DE TURBANTES POR
MULHERES NEGRAS. CONEXÕES: BRASIL, ÁFRICA DO SUL,
MOÇAMBIQUE**

Ao usar o Turbante, a cabeça passa a ser o ponto de conexão principal entre essas mulheres negras. Segundo Lody:

A cabeça [e tudo o que ela representa] une o mundo contemporâneo à ancestralidade, relaciona as pessoas com os mitos criadores, identifica e distingue povos e sociedades. E entendendo essa conexão com o Ori, acredita-se que ela seja ancestral e que permita que negras de diferentes países, se olhem e se sintam representadas e conectadas entre si. (2004, p. 98)

Segundo Adebukola Ogunmokun (chef de Gastronomia Nigeriana, residente em Londres), “Nós somos irmãs, vou te olhar e te reconhecer em qualquer lugar do mundo, pois essa conexão ancestral nunca termina” (2017, depoimento oral obtido no Aeroporto Ethiopian). Quando falamos em cabeça, podemos visualizar também a Coroa, que é um dos símbolos do Turbante. Um dos objetivos dessa pesquisa é visualizar conexões entre países diferentes na geografia, na distância, mas intensamente conectados por lembranças ancestrais e antepassadas a partir dos usos de Turbantes.

Aprender circuitos e características centrais da diáspora africana, processo fortemente marcado pela separação ocasionada pela escravização, pode auxiliar na busca por significados e sentidos do uso de Turbantes por mulheres negras e reinvenções culturais que visam a preservação de patrimônios materiais e sensíveis no Novo Mundo.

Para refletir sobre dimensões históricas e culturais do Turbante, parte da pesquisa foi realizada em dois países africanos África do Sul, Moçambique e no Brasil, onde foram realizadas entrevistas com mulheres negras que abriram universos carregados de cultura, lembranças e ensinamentos, causando emoção e conexões entre a entrevistadora¹³ e as entrevistadas dos três países mencionados.

¹³ Rosyane Silwa, francana, mora em São Paulo há quase 7 anos. Formada em jornalismo pela Unifran, cursou pós-graduação em Gestão de projetos culturais e eventos no Celacc-ECA, USP. Trabalha como produtora cultural, com a *Cresparia Soluções Pretas*. Produz eventos como *Novembro Preto*, festivais como a *Feira Preta* e o *Afreaka*. Participou do *Festival de Artes da Serrinha*, produziu o *Alpiste de Gente* e criou o *crowdfound #mariavaiprafrica* para conseguir viajar até o continente africano, realizar parte de sua pesquisa e reunir participantes para sua pesquisa Iqhiya Turbantes bem como se conectar com sua ancestralidade.



Este artigo toma como objeto de estudo a relação estabelecida por mulheres negras brasileiras e africanas com o uso de Turbantes. Mais especificamente, propõe-se buscar os significados e as simbologias no uso desse tecido, bem como as conexões entre esses países na diáspora e sua influência sobre a vida dessas mulheres.

Dessa forma, o objetivo geral do texto é investigar as simbologias e significados do uso de Turbantes por mulheres negras brasileiras e africanas. De maneira específica, propõe-se:

- ✓ Realizar levantamento sobre os sentidos atribuídos ao uso de Turbantes por mulheres selecionadas para a pesquisa no Brasil, África do Sul e em Moçambique;
- ✓ Averiguar quais são os padrões e as proximidades, conexões e diferenças no uso do Turbante nessas diferentes culturas;
- ✓ Identificar valores, representações, sentidos, expectativas práticas e dinâmicas no uso do Turbante, bem como sua adequação a categorias como 1) Tradição, 2) Identidades e 3) Contemporaneidade e outras que venham a emergir da pesquisa;
- ✓ Analisar e interpretar as narrativas orais das mulheres negras participantes da pesquisa e estabelecer a relação destas com narrativas históricas de mulheres negras.

A partir da pesquisa de Helen Griebel, entende-se que simbologias do uso do Turbante são atribuídas através de sentidos com que cada cultura e local de cultura se utiliza desse recurso emblemático em culturas negras, o que pretendemos aprofundar e diversificar na pesquisa aqui proposta. Para a cultura negra, o Turbante é uma peça socialmente ligada a tradições e estrutura social e se faz presente e necessário, de diversas formas, na cultura negra, tanto africana quanto brasileira.

Nesse sentido, as reflexões de Stuart Hall (2003), acerca de sistemas de representação podem contribuir para a compreensão do papel do Turbante. Para o autor, sistemas de representação reforçam a importância das simbologias, pois o “ser negro” é estabelecido socialmente, ou seja, como a construção racial e social o simboliza. Assim, em dinâmicas lutas culturais, o Turbante pode ser entendido como recurso fundamental para analisar pertencimentos ancestrais retomados nas diásporas para sedimentar recursos de mulheres escravizadas, invariavelmente fotografadas com suas insígnias valorizando suas expressões culturais transplantadas de África e continuamente reafirmando em suas formas de auto representação.

O Turbante é uma autorrepresentação de culturas e tradições africanas no Brasil atual, visto que esse patrimônio sensível constrói raízes afro-diaspóricas no Brasil, visibilizando e significando negras que antes não existiam socialmente. Diante de debates sobre seu uso estético, podemos perceber vontades e usos entre as mulheres negras, que vão além da estética e se tornam orgânicos entranhados em suas matrizes culturais. Para mulheres negras africanas, o Turbante faz parte do uso habitual como elemento tradicionalmente africano usado nas ruas, em casamentos, identificando hierarquias entre diferentes clãs, famílias e etnias. Para mulheres negras brasileiras, o uso do Turbante tem se provado como uma importante forma de resgate cultural, empoderamento, resistência, fortalecimento e reconexões de suas ancestralidades africanas.

Isto revela que para mulheres negras brasileiras e africanas o uso do Turbante é um legado cultural simbólico, eleva a autoestima, o reconhecimento e a elegância. As mulheres entrevistadas se sentem melhor quando estão usando Turbantes, se sentindo rainhas, prontas para os enfrentamentos diários (do racismo, do sexismo e do machismo). É como se ao vestirem o Turbante também se vestissem com uma proteção, tanto de suas cabeças quanto de suas energias, sentindo-se alimentadas por suas ancestralidades. Pela perspectiva de Hall (2003), pretendemos mergulhar no valor imaterial dessa indumentária, refletindo sobre dialéticas que dialogam com as tradições e deslocamentos de poderes, atentando ao legado e permanência simbólica de Turbantes, independente do país pesquisado.

É importante pontuar que outros povos mantêm a prática de usar Turbantes, cada qual com variadas motivações, que também transitam entre religiões, hierarquias, histórias e cultura. Durante a pesquisa, encontramos dados que permitiram entender que a criação do Turbante provém do continente africano, com seu parentesco, o *Nemes*, permitindo aproximar ainda mais a questão ancestral do uso do Turbante. A partir dessa reflexão, pensamos sobre a questão da apropriação cultural: se uma pessoa não tem nenhuma conexão ancestral, religiosa ou herança cultural para usar Turbantes, qual seria o propósito desse uso? É essencial refletirmos, então, sobre como a apropriação cultural foge dessas possibilidades de uso e transforma o Turbante apenas em objeto estético, com poder de venda e sem contextualização em seus símbolos e significados históricos.



O mercado não reconhece o valor dessa conexão, pois ao se apropriar da peça o Turbante deixa de ser acessível a maior parte da população que, no caso, é afrodescendente, fortalecendo assim, o apagamento histórico e a alienação cultural.

Essa reflexão aponta para alguns valores intangíveis dos Turbantes e para compreendê-los é necessário buscar os momentos de chegada dessa indumentária aos países mencionados para, assim, entender como foram estabelecidas essas simbologias e símbolos ao redor do Turbante. Pretende-se recorrer a croquis e gravuras feitas por viajantes estrangeiros no Brasil, fotos de escravizados, ranchos carnavalescos e escolas de samba, ampliando os universos de pesquisas, criando uma extensão do corpo e da arte, na intenção de localizar registros do uso da peça. Ao trazer os Turbantes como parte cultural e intensamente pulsante na cultura negra, construída por mulheres negras, combate-se o apagamento cultural e o embranquecimento.

No contexto da pesquisa já realizada, percebe-se que o uso do Turbante para as mulheres negras brasileiras remete a um afrontamento aos padrões estéticos europeus, retomando suas diferentes estéticas e tons. Analisamos que a prática do fazer Turbante, tanto para as brasileiras quanto para as africanas, pode ser transmitido tradicionalmente entre famílias, mas pode também ser aprendida por meios externos. Apesar das distâncias e diferenças culturais entre o Brasil e o continente Africano, as técnicas de amarração dos Turbantes são semelhantes, ou seja, vários modelos de Turbantes são iguais, tendo diversos significados. Buscamos entender como essa transmissão de ancestralidade foi absorvida, mesmo que inconscientemente. Muitas dessas mulheres fizeram modelos semelhantes sem se conhecerem e vivendo em países diferentes. Entendemos que a internet e os meios de comunicação também foram responsáveis por essa troca de conhecimentos, visto que os vídeos, tutoriais, fotos e cursos podem proporcionar novos conhecimentos e permite fácil acesso a novos modelos de amarrações.

O Turbante sendo símbolo da mulher africana foi articulado aos modos de vida dos afrodescendentes, tanto nos afazeres domésticos e festas, como nas religiões. Entendemos que o uso do Turbante não foi criado exatamente para o uso nas religiões de matrizes africanas, haja vista ele ser um hábito culturalmente africano, ancestral. O uso do Turbante nas religiões africanas, só existe porque as negras e negros oriundos do continente africano o trouxeram e o mantiveram como uma de suas práticas e

reivindicações à suas tradições e lembranças culturais. Nesse processo, a cultura negra foi incorporada, mantendo e ressignificando componentes advindos das distintas culturas africanas e associando-as a outras existentes no Brasil.

Pelas conexões e vontade de pertencer aos seus lugares de origem, mulheres negras têm arduamente afrontado a sociedade racista e eurocêntrica, que tenta manter seus privilégios e domínios econômico-sociais. Acreditamos que existam caminhos possíveis para transformações, embora lentos e arduos, e que estes devem, invariavelmente, passar pelo exercício da alteridade e do respeito à diferença. Através das reflexões aqui trazidas e as que ainda serão sintetizadas durante a construção da dissertação de mestrado, pretende-se, contribuir não apenas com a pesquisa acadêmica através da análise de pautas pouco exploradas, mas também com a reescrita de nossas histórias de forma localizada, por nós mesmos. Se não entramos pela porta, pulamos a janela. Pensamos sempre e seguimos criando estratégias para mantermos nossas conexões ancestrais fortalecidas e nos aproximar uns dos outros sempre, ainda que nem sempre fisicamente da terra mãe, do Continente Africano.

REFERÊNCIAS

- GRIEBEL, Helen Bradley. *The African American Woman's Headwrap: Unwinding the Symbols*. Disponível em: <<http://char.txa.cornell.edu/griebel.htm>>. Acesso em: 15 fev. 2017.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- LODY, Raul Giovanni da Motta. *Cabelos de Axé: Identidade e resistência*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.
- MATTOS, I. G. Estética afro-diaspórica e o empoderamento crespo. In: *Revista Pontos de interrogação*, Universidade estadual da Bahia. v. 5, n. 2, 2015.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo. Ed. Ática, 1988.
- OLIVEIRA, Tory. *O uso de turbantes por pessoas brancas é apropriação cultural?*. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/turbantes-e-apropriacao-cultural>>. Acesso em 10 mar. 2017.
- SILVA, Rosyane Maria. *Iqhiya: Um olhar sobre o significado e a simbologia do uso de Turbantes por mulheres negras. Conexão: Brasil, África do Sul e Moçambique*, São Paulo 2017. Disponível em: <<http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/?q=celacc-tcc/973/detalhe>>. Acesso em 29 ago. 2017

Recebido em outubro de 2017
Aprovado em novembro de 2017